

ACERCA DA EDUCAÇÃO E DO “SABER ÚTIL”

Cristina Nogueira da Silva

Em Agosto deste ano, na sua visita a Madrid, Joseph Ratzinger denunciou a “visão utilitarista da educação” que orienta actualmente o ensino na Universidade. Dirigia-se aos professores universitários, o que me levou a pensar sobre o assunto. E ocorreram-me de imediato três situações que parecem confirmar a opinião de Bento XVI. Numa delas discutia-se sobre um inquérito dirigido a estudantes universitários, onde estes eram questionados, entre muitas outras coisas, sobre a utilidade *profissional* dos conhecimentos que adquiriam *em cada uma* das disciplinas já frequentadas no respectivo curso. O resultado da discussão foi favorável à eliminação da questão. Mas é significativa a presença dela na primeira versão do inquérito, por ser um sinal dessa representação sobre a Universidade como um lugar onde se adquirem, fundamentalmente, saberes rentáveis do ponto de vista técnico-profissional. As duas outras situações que referi mostram, por sua vez, que esta representação faz parte do mapa cognitivo de alguns antigos e actuais estudantes de direito. Uma delas diz respeito ao comentário de um estudante de direito sobre a disciplina de História do Direito, no qual manifestava a sua perplexidade pela natureza nada “prática” daquela disciplina, que considerava de utilidade duvidosa. A outra diz respeito à opinião de uma advogada experiente quando, em conversa bastante informal, explicava que, para que a licenciatura em direito pudesse ser concluída com a menor despesa possível da variável “tempo”, lhe deveriam ser subtraídas disciplinas como as de História das Instituições.

Sei bem que, da mesma forma que os professores universitários acordaram em eliminar a questão do inquérito, outros estudantes e outros advogados pensarão de outro modo. Mas não tenho dados que me permitam medir a representatividade das duas opiniões aqui referidas. Mesmo assim, a pergunta que faço, perante a possibilidade de ser correcto o diagnóstico de Bento XVI, é a seguinte: é possível encontrar soluções para os problemas das sociedades humanas contemporâneas com base em saberes técnicos? E a resposta que dou é: acho que não. Os saberes técnicos são meios para realizar finalidades que todos devem conhecer e sobre as quais todos, sobretudo os “técnicos”, devem saber discutir, orientando-se por critérios (morais, éticos, económicos...) que estão muito para além da técnica. Se não for assim, aqueles saberes, seja em que campo científico for (o direito, a economia, como também a biologia ou a física) passam a carecer de um universo humano mais amplo, que lhes dê sentido e direcção; ou, na pior hipótese, ganham sentidos próprios, autónomos, cujas consequências para os seres humanos são imprevisíveis.

Um exemplo prático e concreto

É bem possível, para dar um exemplo prático e concreto, que estejamos a sentir as consequências de um fenómeno dessa natureza na Europa do século XXI. Estamos ávidos de soluções técnicas para resolver a crise económica, mas não se vislumbram escolhas claras sobre as direcções e os fins que as orientem. Pelo menos parte das elites europeias, além dos europeus em geral, parecem ter dificuldade em pensar/sentir o que é e o que pode ser a Europa. Talvez falte a todos nós, nomeadamente aos estudantes universitários (e agora falo como professora de História do Direito e de História das Instituições num curso de Direito) saber mais sobre o que foi a Europa durante os séculos que a fizeram existir, na sua unidade e na sua espantosa diversidade. Se houvesse apenas futuro, esse futuro que nos angustia, não existiria Europa. Nem sequer cada um de nós, individualmente (o que seríamos se todos os dias esquecêssemos tudo o que até então vivemos?). No mundo dos seres humanos só existem entidades construídas pela(s) sua(s)

histórias. *É por isso que me parece interessante olhar para o passado.* É o lugar onde podemos reconstituir processos históricos com princípio, meio e fim. Onde encontramos ordem no mundo. Ou, falando com mais rigor, o lugar onde alguma ordem pode ser dada ao mundo. É nesse mundo ordenado pelo nosso conhecimento, pelas nossas emoções, pelas nossas memórias individuais e colectivas que somos capazes de construir alguma coisa. Com a ajuda de conhecimentos técnicos, evidentemente. O que acontece é que sem a História, como sem a Filosofia, ou sem a Ética, ou sem muitas outras disciplinas que hoje facilmente podem ser classificadas como tendencialmente inúteis, o saber técnico servirá apenas, na menos perigosa das hipóteses, para aumentar a nossa frustração e tornar mais insuportável a nossa (parece que tecnicamente inevitável) privação material.

Nada seria mais triste, para os europeus, do que um empobrecimento material acompanhado de um empobrecimento espiritual.

Set. 2011